Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

ENVOLVIMENTO COM A LITERATURA INFANTIL

Carine Maria Cabral Costa[1]

Trago um relato de experiência envolvendo a literatura para as infâncias, no qual, houve a necessidade de trazer à tona conceitos de intelectualidades que constroem uma análise crítica referente ao recurso pedagógico.

Atualmente muitos são os debates que envolvem a sociologia das infâncias. O alicerce que sustentam as epistemologias das infâncias permeia por filosofias cosmológicas que confluem entre a cultura africana e indígena. Ambas apresentam como essência a totalidade do ser infantil, garantindo-lhe o protagonismo de seu infancializar.

Sendo assim, hoje compreendemos as infâncias em sua pluralização. Isso faz com que o professor/educador garanta em suas estratégias de aprendizagens e exploração, o pertencimento da identidade do grupo com o território, com a cultura, com a história e social da comunidade escolar.

Reconhecer que não há uma infância única, homogênea e universal significa considerar que as crianças experienciam o mundo de formas distintas, atravessadas por condições sociais, culturais, ambientais e territoriais.

Um dos recursos mais utilizados dentro do campo pedagógico é a literatura para as infâncias. Esse é um instrumento que requer intencionalidade, critério por parte do(a) professor(a), pois o contato mediado com a obra não se constitui meramente pela linguagem oral. Pelo contrário, pressupõe a comunicação em sua totalidade, exigindo análise de diversos fatores: o contexto da narrativa, a~~s~~ adequações das palavras ao público e a estética que a obra apresenta e representa. Essa estética, mesmo envolta em ludicidade, não é isenta de comunicação, e emprega uma mensagem intencional.

Santos (2024), evidencia a importância da estética étnico-racial para a formação qualitativa da subjetividade infantil. Uma análise criteriosa por parte da(o) professora(o) é fundamental para combater estereotipias étnico-raciais que, por muito tempo, foram utilizados para desumanizar, subalternizar, e inferiorizar pessoas afro-brasileiras e indígenas, ou para

[1] Mestranda em Educação - UFPR. Especialização em Educação Digital - SENAC e em Psicopedagogia – UNIASSELVI.

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

retratar sua estética como algo exótico. Essa prática de estereotipagem foi bem alicerçada pelo movimento eugenista[2], que tem como um de seus representantes o escritor Monteiro Lobato. Em sua obra, é possível avaliar como as referências étnico-raciais, de gênero e até mesmo dos personagens encantados[3] recebem personalidades e representações distintas, muitas vezes perpetuando essas visões.

Sob uma perspectiva Vygotskiana[4], a literatura pode ser analisada como um instrumento que, por vezes, se baseia em um discurso de condutas radicais, muitas vezes pautadas pelo gênero. Esse discurso difunde como meninas e meninos devem se comportar, quais funções sociais devem exercer. Quando utilizada como recurso moral pedagógico, a literatura pode acabar por ditar formulações de caráter e condutas a serem seguidas socialmente.

Portanto, segundo a postura de um profissional que contextualiza uma temática utilizando o livro apenas como recurso pedagógico ilustrativo não é assertiva. Segundo o crítico literário Antônio Candido (2011 apud Micarello; Baptista, 2020, p. 171) a literatura é um direito de todo ser humano desde a primeira infância, pois é, por si só, a linguagem da arte, da literatura, da interação e da mediação. Dessa forma, o livro não pode ser visto ou utilizado como um mero recurso a serviço de algo, mas sim como um objeto de pesquisa para a criança, assim como os brinquedos.

Foi com base nessas concepções que alicerçamos nossa intervenção pedagógica. A pedido da coordenação de Educação Infantil da Secretaria de Educação de Araquari/SC, o projeto envolveu um grupo de 10 crianças bem pequenas, com a faixa etária de 2 anos a 3 anos e 11 meses, conforme estabelece a Matriz Curricular de Ensino de Araquari. As vivências ocorreram no cotidiano do Berçário 2, no período matutino, e foram regidas pelas professoras, Siméia Costa, Eliane Britto e Sônia Santos, a partir das propostas “Surpresa da Cesta”

Na mesma semana em que recebemos os livros e uma carta, da coordenação pedagógica, fomos informados sobre a necessidade de promover uma mediação e envolvimento

---

2 Movimento Eugenista se aprofundou em várias áreas inclusive com amparo legislativo, sócio-político, na saúde, cultural refletindo no campo educacional. Com o intuito de construir uma identidade racial para o Brasil, o objetivo era que embranquecer racialmente a população brasileira.
3 Encantados, dentro de uma epistemologia cosmológica permeiam estudos antropológico, sociológicos e filosóficos são atribuições hegemônicas denominadas por folclóricas, construídas a partir de uma visão racista em reduzir e demonizar a espiritualidade da cultura indígena a africana.
4 Concepção difundida pelo psicólogo Lev Vygotski (1896–1934), e está baseada na ideia em que o ser humano se desenvolver a partir das interações que constitui socialmente.

com as crianças, com as literaturas infantis e infantojuvenis. Os livros recebidos, após uma análise para possível classificação, foram então cedidos à nossa unidade.

Para envolver o grupo, apresentamos a imagem ampliada de um personagem que representa o gênero masculino e ressalta a identidade negra. O personagem, uma criação de um dos professores de Arte da rede, usava uniforme, óculos e tinha cabelos crespos. A imagem foi ampliada para ter uma estatura semelhante a das crianças. Para a apresentação, uma caixa de papelão envolta em TNT vermelho serviu como base para anexar a figura.

As cestas de vime continham diversas obras de literatura, todas já catalogadas e inseridas no acervo de nossa unidade. Para a apresentação, também foram utilizados brinquedos, como a língua de sogra. Dentro de um envelope vermelho estava a carta, uma proposta da coordenação, na qual o personagem apresentava uma narrativa envolvente para o grupo. Essa carta serviu como recurso para contextualizar a literatura que seria lida em seguida: “A Carta de Gildo”, das autoras Hilda Micarello e Mônica Correia Baptista.

Como recurso musical, utilizamos um pandeiro para marcar o ritmo da canção tema do momento da história, uma melodia já conhecida e apreciada pelo grupo. Após organizar os materiais, solicitei às professoras uma oportunidade para intervir na rotina da turma e apresentar as literaturas ao grupo. O espaço foi então cedido e, de forma colaborativa, as professoras ajudaram a criar um ambiente participativo na experiência.

Elaboramos um planejamento com objetivo de destacar a importância do contato com a literatura infantil desde a primeira infância. A ação buscou assegurar os direitos de aprendizagem das crianças, permeando diferentes campos de experiência conforme elas interagiam. Apesar da abrangência, a intencionalidade pedagógica se concentrou nas reflexões do campo de experiência: “escuta, fala, pensamento e imaginação “. Ao construir uma avaliação reflexiva sobre a investigação oportunizada ao grupo, percebemos que muitos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento foram não apenas incentivados pelas professoras, mas também se tornaram instrumentos de investigação para as próprias crianças.

Para registrar a atividade, convidei a Patrícia, Administradora da unidade, para que tirasse fotos do momento. Essa decisão permitiu que todas as professoras do grupo se envolvessem de maneira interativa e exclusiva com as crianças e as literaturas. Observamos que, além de serem novidade para as crianças, os novos recursos também despertaram grande interesse nas professoras, que exploraram as texturas, as imagens e interagindo junto às

crianças. Embora essa ação não tenha sido planejada como um objetivo específico, ela gerou apontamentos muito positivos para a mediação.

As crianças foram organizadas em roda. Um princípio de organização e concepção africana que possibilita a todos o contato visual e fortalece o sentimento de pertencimento e comunidade dentro da experiência. As professoras também se sentaram junto às crianças, participando e se envolvendo ativamente no momento, reforçando o caráter coletivo e afetivo da vivência.

As professoras iniciaram o envolvimento do grupo, questionando: “O que será que a Carine vai trazer para nós?”. Imediatamente os olhares se voltaram para mim, analisando minhas ações. Com o pandeiro, iniciamos a música tema das contações de história dentro do cotidiano educacional:

É a história tindolelê
e olha a história tindolalá
olha a história tindolelê
é a história que vai começar

As crianças e professoras acompanharam a música, cantando e batendo palmas. Dentro do jogo simbólico, o personagem foi o presenteador do grupo do berçário 2. Os presentes foram organizados em uma cesta. Para motivar a atividade, trouxemos a proposta **“**Presente Surpresa**”**, que recebeu grande atenção de todos. As crianças permaneceram atentas aos objetos organizados no meio da roda, onde o personagem compôs a roda e assim foi apresentado ao grupo.

A professora Eliane iniciou a apresentação, exclamando: “Olha que menino lindo!” Theo, que observava tudo atentamente, concluiu suas constatações comunicando: “É o Theo!”. Atribuímos a cesta ao personagem e, a partir dela, realizamos a leitura da carta. O momento foi dramatizado, envolvendo a todos.

Antes de iniciar a leitura falamos o nome de todas as crianças presentes. Gestualmente, elas se identificavam quando seus nomes eram citados. A comunicação sobre o cuidado com os livros foi clara e direta. Em seguida, cada literatura foi apresentada, destacando as imagens ilustradas. Quando possível, cantávamos uma canção na qual as crianças participavam cantando e gesticulando.

Theo e Olívia compartilharam suas reflexões, respondendo aos questionamentos das professoras: "Que bichinho é esse?". Rapidamente, eles identificavam. As professoras também eram envolvidas na narrativa: "E como o leão faz, professora Soninha?". Imediatamente, as crianças voltavam sua atenção à professora e a imitavam.

A literatura da "Centopeia" foi acompanhada pelo movimento da língua de sogra, que chamou a atenção das crianças, e por uma música com coreografia. Theo, nesse momento, se envolveu e quis demonstrar o movimento da lagarta, assim como apresentado pela professora. Todas as literaturas foram apresentadas e envolvidas com questionamentos ou musicalidade temática.

Após apresentar o combinado de que o grupo cuidaria dos livros, as literaturas foram distribuídas para que as crianças as manipulassem. Nesse momento, conseguimos observar que, devido à quantidade de livros disponíveis, não houve disputa entre as crianças. As descobertas foram colaborativas: quando uma criança encontrava uma textura ou um novo animal que chamava sua atenção, outras se aproximavam para constatar. Isso acontecia também entre as professoras.

As crianças comunicavam suas constatações, identificavam os animais, folheavam as páginas e desenvolviam a coordenação motora fina (movimento de pinça). Compuseram narrativas, exploraram os recursos auditivos e identificaram os sons dos animais. Algumas já nomeavam as cores de maneira assertiva. A interação com os livros, e entre elas mesmas, aconteceu por um longo período, e nenhuma criança extraviou os materiais.

Durante a apresentação da literatura "Polvo", Theo rapidamente associou à canção "A Baleia". Foi interrompido pela professora, que afirmou: "Não é uma baleia, Theo, é um polvo!". Mais tarde, durante a exploração dos livros, uma das crianças apresentou a imagem de uma baleia à professora, a mesma que havia corrigido Theo, e ela reconheceu que ele estava certo: havia, sim, uma baleia na literatura.

Acredito que utilizar novas estratégias durante as contações de histórias pode ser muito valioso. A ação inversa, ou a troca de mediador, envolvendo outros contadores, como professores, funcionários, colaboradores, pais, comunidade escolar ou crianças de diferentes faixas etárias, pode tornar o processo mais rico.

Permitir que a criança apresente a literatura ao grupo é uma forma de possibilitar novas narrativas e análises, construindo conclusões próprias. Isso enriquece as possibilidades e as constatações vindas das crianças, sem que o adulto projete ou objetifique suas percepções. Além

disso, oferece momentos de protagonismo, essenciais ao processo de investigação das aprendizagens, permitindo que a criança construa uma análise crítica e criativa conforme suas interações sociais e vivências em diferentes contextos.

Esse processo contribui para o fortalecimento do sentimento de valorização pessoal e para a construção de novas concepções, reafirmando a responsabilidade primordial da educação: a equidade entre saberes.

Essa ação pedagógica versa com a concepção de pedagogia engajada, conceituada pela intelectual e professora Bell Hooks[5]:

> produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, capazes de participar inteiramente da produção de ideias. Como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura de pensamento crítico. Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular individualista e competitiva (2017, p.81).

O território de nosso município, Araquari, ilustra uma grande diversidade cultural. A população araquariense, é composta por uma pluralidade étnico-racial, que inclui a presença dos povos originários da etnia Guarany, comunidades quilombolas presentes nas áreas do Itapocu e Areias Pequenas, além da contribuição açoriana. Atualmente, Araquari registra o crescimento demográfico imigratório, vindos de países vizinhos e de várias regiões brasileiras, resultado da ascensão do desenvolvimento industrial atual na cidade que traz a presença de grandes empresas na área automotiva.

Essa diversidade precisa reverberar também em nossas ações pedagógicas. A Matriz Curricular (2020), responsabiliza os espaços educacionais, vistos como espaços socializadores, a assumirem o compromisso de empregar em suas diferentes estruturas, toda e qualquer diversidade que venha compor o contexto educacional.

Vejamos a literatura para as infâncias como ferramenta pedagógica capaz de compor a construção da subjetividade na primeira infância fortalecedor e gerador da autoestima da identidade étnico e cultura brasileira. Que ela não seja vista apenas como um recurso motivador que antecede a alfabetização para o ensino fundamental, mas sim em sua totalidade, que envolve a educação para as infâncias. Trata-se de uma pedagogia própria, que carrega a identidade

---

5 Pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Homenagem feita à sua bisavó Bell Blair Hooks.

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

infantil, e busca assegurar os direitos das crianças como sujeitos capazes, respeitando suas especificidades de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ARAQUARI. Secretaria Municipal de Educação. **Matriz Curricular da Educação Infantil de Araquari**. Araquari, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, nov./dez. 2018.

SANTOS, Jussara. **Democratização do colo: Educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas.** São Paulo: Papirus Editora, 1. ed., 2024.